



DESAFIOS DO ENSINO DO TEXTO DA REPORTAGEM: Contribuições sobre conteúdo e forma

Carina BENEDETI¹

(Universidade Federal de Mato Grosso / UFMT)

INTRODUÇÃO

O ensino da escrita do texto da reportagem jornalística nos cursos de graduação é um desafio para professores da área. Em parte, a tarefa é dificultada pela ausência de material didático que forneça metodologias adequadas à empreitada. Com raras exceções, os livros sobre o gênero reportagem se dividem entre relatos de experiência de repórteres e coletâneas de trabalhos realizados. Há pouca explicação sobre como escrever uma reportagem.

O objetivo deste relato de experiência é contribuir para a sistematização das etapas de elaboração do texto da reportagem. As reflexões resultam de conhecimentos adquiridos ao longo de anos de docência em disciplinas de produção laboratorial em jornalismo impresso.

A proposta é pensar o texto da reportagem como uma composição autoral e estética com conteúdo jornalístico que traz sentido à atualidade. Um tipo de texto que integra a visão de mundo (percepção) e o estilo de escrita do repórter, a informação (conhecimento jornalístico), a comunicação (inteligibilidade) e a arte de bem expressar a experiência humana em palavras (literatura).

Portanto, não é um texto fácil de ser feito, principalmente porque trabalha com um volume maior de informações e não pode ser monótono ao “empalavrar” a realidade.

COMPARAR PARA CARACTERIZAR

Para mapear as especificidades do texto da reportagem e apontar caminhos para facilitar o aprendizado nesse campo, uma alternativa promissora é começar a definição pela negação: a reportagem não é uma mera notícia estendida.

O texto da notícia hierarquiza as informações mais relevantes sobre o fato noticiado a partir da síntese representada pelas perguntas do lide: quem, o que, quando, onde, como e por que. O relato noticioso segue detalhando, a cada parágrafo, os aspectos citados no lide. Como forma específica de conhecimento que apreende a realidade a partir das singularidades (GENRO FILHO, 2012), a notícia caminha do singular (fato) para o particular (contexto); o último nem sempre está expresso no texto.

¹ Mestre em Comunicação Social pela UnB, professora substituta do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso, Câmpus Araguaia, Barra do Garças, MT, cabenedeti@uol.com.br.



A causa (o porquê) é citada no lide apenas quando é a informação mais relevante para a caracterização do acontecimento. Há, portanto, uma hierarquia do conteúdo noticioso que determina a forma do texto. A padronização textual decorre da rigidez da finalidade do gênero noticioso: noticiar.

Já o texto da reportagem não adota o mesmo padrão. Há variação na maneira de hierarquizar o conteúdo (definir o que vem primeiro) e formular o texto (contar a história) que resulta dos diferentes objetivos da reportagem, em função da pauta escolhida. Denunciar, narrar, dar visibilidade, historiar, contextualizar, entre outros objetivos, são finalidades que ganham maior ou menor peso de acordo com o assunto abordado e com as prioridades do repórter.

A reportagem produz uma constatação explicativa sobre a realidade; o factual (os fatos) inspira e instiga o contextual, onde a reportagem se situa. Os fatos, portanto, podem ser ganchos (motivações) ou comprovações (dados que atribuem credibilidade) nas reportagens.

Quando a pauta da reportagem tem um gancho factual explícito, o texto se estrutura de forma semelhante ao texto noticioso porque também hierarquiza as informações a partir do registro de um fato específico. Nesse caso, o fato singular é tomado como ponto de partida para aprofundar determinado contexto particular.

Entretanto, nas reportagens que não têm um gancho factual como ponto de partida, o texto se organiza de maneiras diversas. A intenção de assegurar a construção de sentido e de significado sobre a pauta impõe o desafio de identificar a constatação informativa principal a ser relatada sobre o assunto e escolher uma forma criativa de apresentá-la no texto. E isso varia muito. O que faz sentido em uma pauta nem sempre faz sentido em outra. Nesses casos, não há um padrão de texto para a reportagem, como há na notícia. O repórter enfrenta desafios específicos de forma e de conteúdo, de acordo com a pauta escolhida. É a esses casos que o presente relato de experiência se dedica.

Como a reportagem é, acima de tudo, um gênero informativo, o ensino da escrita do texto da reportagem pode ser facilitado quando se começa a planejar primeiro o conteúdo e depois a forma.

DO CONTEÚDO À FORMA

Para organizar e hierarquizar o conteúdo da reportagem é preciso juntar o material coletado em um arquivo em sequência, a fim de que o relato se mostre ao repórter (HUNTER (Org), 2013). O arquivo deve conter todo o material apurado (transcrições de entrevistas, históricos, dados e documentos). A leitura do conteúdo serve para identificar a história a ser contada. Ela corresponde à pauta levantada? O que mudou?



Como a reportagem trabalha com um volume maior de informação, organizar o conteúdo coletado em partes pode facilitar a elaboração do texto. Quantas partes compõem o texto principal? Quais perspectivas serão tratadas em cada uma?

A divisão pode mudar em função do assunto. A reportagem poderá se dividir em partes que resumam aspectos da pauta (problema, causas, soluções), que simbolizem a passagem do tempo (passado, presente e futuro), que constatem a variação de espaço na história contada (campo, cidade, aldeia) ou que representem as diferentes personagens existentes no relato (mulheres de luta, mães possíveis, coisa de meninas). As partes poderão ser identificadas no texto por intertítulos (ou entretítulos). Não há uma regra para a quantidade de divisões, tudo depende do que a reportagem apurou. Cabe ao repórter mapear os elementos fundamentais.

É preciso lembrar que a reportagem não deve ser estruturada por fontes. Isso porque os entrevistados são chamados a contribuir nos diversos momentos do relato, em um diálogo artificial que existe apenas no texto criado pelo repórter.

Respeitar uma sequência lógica na estruturação do conteúdo facilita a compreensão das informações. Por isso, faz sentido apresentar problemas e depois soluções. Ao separar o conteúdo, o repórter começa a enxergar a narrativa e também é possível selecionar o que fica e o que sai. Nessa fase, surgem as falhas de informação. Falta algum aspecto, fonte, dado a complementar?

A divisão é, ao mesmo tempo, um caminho para começar a hierarquização do conteúdo. O que vem primeiro, na abertura da reportagem, é o que sintetiza a constatação principal da matéria. Pode ser a constatação de um problema que estava invisível, de uma solução nova para velhos problemas, de uma contradição, de um dilema social, de uma mudança de comportamento individual ou coletiva. Tudo depende da pauta.

Assim, a síntese da informação que abre a reportagem não é necessariamente um fato, não é uma ação (alguém fazendo alguma coisa), muitas vezes, é uma constatação sobre a realidade. É um raciocínio explicativo que resulta da investigação do assunto pautado (das entrevistas com as fontes, dos dados, da apuração *in loco*). Em síntese, qual é a constatação que a reportagem apresenta?

A abertura da reportagem, portanto, é a primeira parte do conteúdo, que trata dessa síntese ou constatação informativa. Ela pode ser apresentada de diferentes maneiras e formas de texto. O conteúdo da abertura pode ser apresentado, por exemplo, por uma ideia (raciocínio descoberto pela apuração), por um fato (gancho atual, do passado ou uma projeção de futuro) ou por uma pequena história (de uma personagem) que melhor represente essa constatação. Na sequência do conteúdo, a



reportagem traz o contexto, expõe os problemas, as causas, as consequências, apresenta os envolvidos, aponta saídas, não necessariamente nessa ordem.

CONSTRUÇÃO DO TEXTO

Depois de definir as partes, é preciso escolher a forma de apresentar a reportagem. A mesma história pode ser contada de diferentes maneiras e a escolha depende tanto de uma característica pessoal do repórter (estilo de texto) quanto da adequação da forma escolhida ao conteúdo abordado.

Um livro-reportagem sobre violência policial, por exemplo, pode ser feito com uma linguagem informativa (referencial) ou com uma linguagem literária. Se o conteúdo tem grande volume de dados, será mais difícil adotar uma linguagem literária; a linguagem informativa será mais adequada. Se a proposta é relatar a dor das vítimas e dos familiares enlutados, uma linguagem literária traz vida às personagens e permite imersão.

Nas reportagens, informações e histórias de vida se misturam. Em algumas pautas, portanto, é possível adotar uma linguagem híbrida. Isso significa que o repórter poderá escolher em que momentos do texto adotar uma ou outra. Em geral, a liberdade criativa e os recursos da linguagem literária podem ser usados para dar humanidade e complexidade à história, mas não para comprometer a capacidade de informar; não são adornos, comunicam e ajudam a compor o texto.

A forma de abrir a reportagem (abertura) também pode variar. Ela deve conter a síntese da informação mais forte do texto, não pode ser enigmática ou vaga. Se não começar logo com a síntese da informação apurada, deve encaminhar o leitor até ela. A constatação revelada pela reportagem pode ser contada de diferentes formas textuais, pode ter traços predominantes do texto dissertativo, descritivo, expositivo ou narrativo.

Ao iniciar de forma dissertativa, a reportagem insere um problema ou uma conclusão sobre um assunto, uma “descoberta”. Pode ser apresentada uma pergunta ou uma sequência de perguntas, com menção aos desafios enfrentados para chegar à resposta; pode dar voz a uma personagem que faça questionamentos, ao começar o texto com aspas ou travessão.

Outra opção é iniciar a reportagem de forma descritiva. A caracterização ou qualificação de pessoas, objetos, ambientes, com ênfase em aspectos físicos ou psicológicos, transporta o leitor para o que é descrito; atua como corte no desenvolvimento da narrativa (um mergulho no específico); possibilita o uso da percepção multissensorial (ver, ouvir, tocar, cheirar, degustar); permite descrever de forma objetiva ou subjetiva. É uma escolha rica em impressões.



Por outro lado, quando o texto da reportagem se inicia de forma expositiva, com sequência de dados e quantificações que situam o assunto, a busca é pela comprovação do relato: demonstrar veracidade; medir o impacto gerado; apresentar ou mostrar os fatos, as personagens, as situações; quantificar, datar, situar e identificar são características das aberturas expositivas.

Também comum nas reportagens é a abertura do texto de forma narrativa, com a história de uma personagem em especial. Tal relato narrativo, normalmente humanizado, atua como uma representação (caso concreto) da constatação informativa abordada na matéria. São aberturas que concatenam acontecimentos, contam histórias que relacionam ações e personagens no tempo e no espaço e apresentam uma teia de estados.

Na sequência, o texto da reportagem, independente da abertura escolhida, encadeia as informações conforme a estrutura de conteúdo planejada, relacionando as falas de diferentes fontes, histórias, dados, legislações. Cada parte da reportagem pode conter narração, descrição, dissertação, exposição. Uma “puxa” a outra, não apenas no conteúdo, mas também nas palavras. Isso significa que é preciso ter ligação explícita (forma) e implícita (conteúdo) entre os parágrafos, assim o texto “deságua” na finalização.

Não há uma conclusão para a reportagem, há um fechamento que não é um resumo de tudo que foi dito antes. O fechamento orienta o raciocínio do leitor para um esgotamento do assunto, ainda que parcial. A finalização também não é necessariamente uma resolução do problema abordado. Muitas vezes, isso não depende do repórter. A reportagem apenas encaminha o leitor ao ponto mais avançado do desenvolvimento da pauta realizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o texto da reportagem fluir, ter um ritmo de encadeamento coerente e coeso, ele não pode parecer uma juntada de pequenos textos ou um relatório burocrático. Dados, problemas, histórias, soluções, opiniões e análises tecem essa malha interconectada chamada texto.

Forma e conteúdo no jornalismo estão completamente imbricados, ambos comunicam, expressam a leitura da realidade que o jornalismo pretende oferecer ao público. Entretanto, são dimensões diferentes que precisam ser planejadas separadamente.

No processo de construção do texto da reportagem, o repórter não é apenas um reproduzidor de falas. O raciocínio do repórter aparece de maneira implícita e explícita na organização das ideias, interligando as declarações e os aspectos abordados. Grande parte do texto da reportagem, portanto,



é uma construção intelectual do repórter que organiza o “caos” pautado. O caos não é sempre um cenário negativo, mas tudo aquilo que – à primeira vista – não sabemos explicar ou não conseguimos entender. Mãos à obra!

REFERÊNCIAS

- BENEDETI, Carina A. *A qualidade da informação jornalística: do conceito à prática*. Série jornalismo a rigor; V. 2. Florianópolis: Insular, 2009.
- GENRO FILHO, Adelmo. *O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo*. Porto Alegre: Editora Tchê, 1987; Florianópolis: Insular, 2012.
- HUNTER, Mark Lee (Org.). *A investigação a partir de histórias: um manual para jornalistas investigativos*. Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura. 2013.
- MAGNO, Ana Beatriz, *A agonia da reportagem: das grandes aventuras da imprensa brasileira à crise do mais fascinantes dos gêneros jornalísticos: uma análise das matérias vencedoras do Prêmio Esso de Jornalismo*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, 2006.